

folclore (onde o negro como expressão de cultura está sempre presente) levado a cabo por Cristina A. Colonelli<sup>4</sup>, e com a bibliografia comentada de Robert Conrad sobre a fase escravocrata<sup>5</sup>.

Surge, agora, procurando sanar essa lacuna, o trabalho (provisório) de Edyr Resende Fleischer e suas colaboradoras, dentro do projeto "Etnias e Contextos Culturais", coordenado por Olympio Serra e promovido pela Fundação Nacional Pró-Memória.

Dessa *Bibliografia*, que foi baseada nos levantamentos realizados por Salles, constam 404 comentários bibliográficos, o que é pouco, se nos lembrarmos que o primeiro inventário feito em 1972, já arrolava quase 900 títulos. De qualquer maneira, a própria organizadora reconhece que este é o primeiro passo de um trabalho que pretende realizar com o apoio dos próprios pesquisadores, objetivando cobrir todos os estudos realizados sobre o negro brasileiro (publicados e inéditos). Buscando a colaboração da comunidade de estudiosos foi que, na última reunião da ANPOCS, distribuiu o seguinte apelo, que transcrevemos a seguir.

"Pedimos a participação e colaboração em nosso trabalho da "Bibliografia do Negro Brasileiro", enviando-nos trabalhos seus e de outros, ou referências de trabalhos com resumos para serem acrescentados à bibliografia. Ficaremos muito gratos na Pró-Memória" .

Remeter para: Edyr Resende Fleischer  
QL 4 — Conj. 5 Casa 17 — Lago Norte  
71.500 — Brasília — DF

Esperamos, como Edyr Fleischer, que os colegas colaborem nesse empreendimento intelectual que a todos beneficiará.

João Baptista Borges Pereira

\*

MARIA AUGUSTA CALADO DE SALOMA RODRIGUES. *A Modinha em Vila Boa de Goiás*. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1982. 342 p. ilustr. (Coleção Documentos Goianos, 12).

Conforme esclarece a Autora, esta pesquisa sobre a modinha na cidade de Goiás foi apresentada para concurso à Livre Docência na Cadeira de Folclore Musical Nacional do Instituto de Artes da UFG.

---

(4) — COLONELLI, Cristina A. — *Bibliografia do folclore brasileiro*. São Paulo, CECH-SCCI, 1979.

(5) — CONRAD, R. — *Brasilian Slavery; an annotated research Bibliography*. Boston, G. K. Hallm 1977.



O item 1.1. inclui um perfil histórico da cidade de Goiás, que nos remete ao roteiro das bandeiras paulistas, dos preadores de índios, e das prospecções às minas. Comenta as mesclas interétnicas (o bandeirante com a negra e principalmente com a índia) e seus posteriores resultados nos hábitos alimentares, práticas de medicina rústica, usos no linguajar, etc. Traz à memória a formação das primeiras famílias vilaboenses da 2a. metade do século XVIII, nas quais ressalta o importante papel da mulher na sociedade goiana.

A descrição de formas, cores, volumes e edificações da cidade de Goiás possibilita ao leitor entrever o pano de fundo onde se vai desenvolver afinal a prática da modinha.

O item 1.2. **FORMAÇÃO VILABOENSE**, a Autora recompõe a História desde 1778, relatando a decadência da mineração. Descreve também o elenco de governantes em Goiás desde meados do século XVIII, e suas realizações.

Para melhor compreensão das circunstâncias favoráveis que se instalaram na cidade de Goiás, no sentido de favorecer as práticas músico-literárias, a Autora recorre a um levantamento de todas as articulações feitas a partir de 1830, em torno do processo do Ensino na cidade, ou seja, a formação dos currículos escolares e as disciplinas implantadas na cidade, inclusive a Música.

Ainda dentro da esfera de preocupações quanto à formação da sociedade vilaboense, M. A. Rodrigues salienta a vocação da mulher goiana para as letras, música e magistério, sendo este último visto como um recurso para a emancipação, formação profissional e independência da mulher, numa época em que esta era ainda bastante discriminada em outras regiões do país.

Após a decadência da mineração, as famílias goianas que haviam investido nos benefícios advindos do regime escravocrata sofreram novo golpe com a Abolição. A ameaça de novo empobrecimento desencadeia uma busca de novas atividades, inclusive de indústrias caseiras. Mantendo-se no âmbito das considerações sobre a formação da família e sociedade vilaboenses, a Autora vai entremeando dados sobre comemorações festivas, noticiando desse modo, a formação de coros, bandas e conjuntos instrumentais. Apresenta farto material fotográfico sobre músicos da cidade (intérpretes e compositores). Enfatiza o espírito diletante dos goianos, em relação à música, já que esses não viam na prática musical um meio de profissionalização.

Tratando especialmente da modinha, a Parte 2. **CONTEXTURA MODINHEIRA**, conduz o leitor à reflexão sobre as possíveis origens dessa forma musical desde o período medieval, com as "Canções de Amigo". A Autora relaciona as formas líricas das "canções de amor" praticadas já pelos reis trovadores ibéricos como D. Diniz, às obras musicais de nossos padres modinheiros, para os quais — por sua condição de celibatários — o amor ficava circunscrito ao nível do apenas "sonhar com a amada". Nesse aspecto do exaltado amor impossível, tão



lamuriado nas modinhas, M. A. Rodrigues não aceita o humor de Mário de Andrade, que assim recomenda: “— Eu me atreveria mesmo a aconselhar que se cantasse com rosto sorridente esses textos de mal de amor e de saudades”. (Mário de Andrade, 1930, MODINHAS IMPERIAIS, S.P., L. G. Chiarato, p. 5).

Após estudar os aspectos eruditos e populares da modinha, a Autora passa a situá-la em Goiás e oferece generosa documentação sobre músicos modinheiros da cidade ou que nela se radicaram, bem como oferece uma relação de modinhas anônimas, outra daquelas com autores, e as variantes encontradas nas duas categorias.

Neste estudo, M. A. Rodrigues reserva maior energia no que se refere à recolha e mostra de documentação (música e texto) do que propriamente um investimento no sentido de análise mais detalhada das modinhas apresentadas. Talvez isso se justifique pelo fato de que essa obra se caracteriza como Documentário, provável razão pela qual está incluída na “Coleção Documentos Goianos”. Mas, embora a obra não apresente propostas para uma análise mais profunda em Musicologia, este trabalho chega em muito boa hora, não só pela preocupação da Autora em situar histórica e socialmente a forma musical *modinha* em determinada época e região, mas também pelo valor do material apresentado.

Já de início, a Autora deixa claro o objetivo de sua pesquisa: provar que a modinha é folclore. Entretanto, fica-se a esperar por discussões mais instigantes com relação a certos conceitos como por exemplo o de *anonimato*, exposto superficialmente no texto. Também a questão da origem (erudita? popular?) tão discutida quando se pretende determinar a gênese de uma forma musical, parece não ter sido esgotada, sobretudo porque o texto carece de um percurso às discussões de autores que anteriormente se detiveram no problema da gênese da modinha: portuguesa? brasileira? da aristocracia para o povo? do povo para o salão? Deste modo, não foram aqui discutidas em profundidade as posturas teóricas de autores como por exemplo Renato Almeida ou Mário de Andrade, e voltamos a lembrar que talvez isso se deva ao objetivo a que se ateve a Autora, mencionado à p. 16 e que se refere ao registro e divulgação de “um acervo músico-literário de uma época e de uma região, que com o passar dos anos tende naturalmente a desaparecer”.

Ao se examinar os documentos musicais expostos no livro, torna-se difícil identificar os “volteios vocais” sugeridos à p. 98, como possível sintoma de influência mourisca. Nesse ponto, é útil lembrar que o uso dos ornamentos pode virtualmente estar situado no âmbito dos *universais* da música. Mas, ainda que nos documentos apresentados pela Autora, a ocorrência de tais “volteios vocais” seja mínima (apenas dez exemplos num total de cento e noventa documentos), este é um aspecto interessante e que a nosso ver merece não apenas uma chamada, mas talvez uma discussão num plano mais abrangente e com os recursos da Etnomusicologia.



Algumas referências e citações feitas no texto não são completadas com notas ou indicações bibliográficas, o que pode vir a prejudicar sua leitura, quanto ao nível da informação (veja-se por exemplo as citações à p. 92 a respeito de Jorge de Senna e Mário de Andrade).

Finalizando, assinalamos a importante função desta obra, construída sobretudo na perspectiva de uma área carente ainda de estudos entre nós, qual seja a História Social da Música e que além disso atende perfeitamente aos objetivos de um trabalho de natureza documentária. Estas são, por si só, boas razões para garantir a este trabalho um papel significativo na literatura sobre a História da Música no Brasil.

Kilza Setti

\*

KILZA SETTI. *Ubatuba nos Cantos das Praias*. São Paulo, Editora Ática, 1985.

Ainda que o título sugira poesia, o livro é o resultado científico de uma pesquisa, realizada de 1977 a 1982, que serviu à autora para sua tese de doutor pela Universidade de São Paulo.

Equipada com os recursos da ciência antropológica e dotada de empatia aguçada pelos recursos de sua sensibilidade musical, formalizada pela Etnomusicologia, Kilza Setti consegue apreender nas brechas das uniformidades aparentes e ostentivas, de superfície, as diversidades sociais e culturais de grupos que persistem, a despeito de tudo. Assim, Ubatuba para ela deixa de ser apenas o local dos congestionamentos de feriados e fins-de-semana e aparece como outra coisa, diferente das concentrações de veranistas que buscam as praias da moda. Em suas observações e interpretações ela atinge aquilo que, de imediato, não se vê porque está encoberto pelas descontrações de banhistas em trajes sumários e coloridos, enlevados no verdadeiro ritual de bezuntar o corpo para o bronzeamento consagrado. Sua observação ultrapassa essa superfície de avassalamentos conformistas da moda, alimentados pelo chamado “boom” imobiliário e seus realimentadores, com o que foram assoladas as praias mais belas e próximas dos grandes centros urbanos. Sem se deter aí, ela vai localizando pequenos grupos de caiçaras, de artistas caiçaras — “cantadores, dançadores, instrumentistas” — membros de “uma micro-população que já perdeu sua territorialidade; uma população ambulante e que se localiza apenas nos interstícios da população global” (p. 43). Sua sensibilidade e empatia lhe permitem ouvir a música desses grupos, apreender e revelar as condições em que é produzida e compreender o significado que assume. Para conseguir tudo isso, depois de percorrer a história da localidade e de sua